TORTURA BRANCA



AUTOR DO BEST-SELLER QUANDO ELA DESAPARECER

VICTOR BONINI



TORTURA BRANCA

UM ASSASSINATO NO MEIO DE UMA CHAMADA DE VÍDEO. EM PLENA PANDEMIA.



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2020 Copyright © Victor Bonini, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL **Lilian Vaccaro** PRODUÇÃO GRÁFICA **Giovanna Vaccaro**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

PREPARAÇÃO **Bianca Gulim**

REVISÃO **Kaio Rodrigues** CAPA

Décio Gomes

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

DADOS

INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) Bonini, Victor

Tortura branca / Victor Bonini. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2020

ISBN: 978-65-87068-61-9

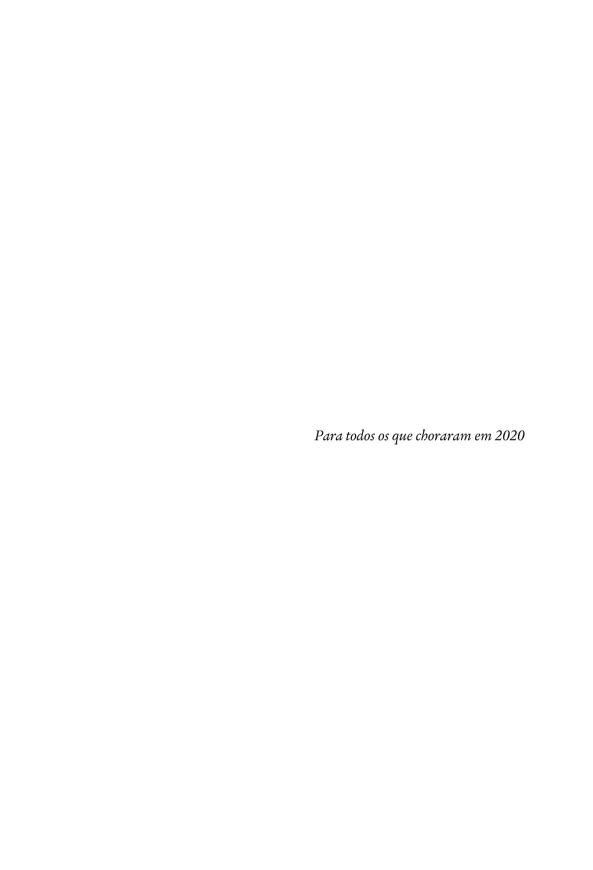
1. Ficção brasileira 2. Policial I. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326, cj 84 - Bela Vista São Paulo | SP – 01.310-902 www.editoracoerencia.com.br





Às vezes, porém, esse senso de isolamento, como ácido espirrando de uma garrafa, pode inconscientemente corroer o coração da pessoa e dissolvê-lo. — Haruki Murakami, Do que eu falo quando falo de corrida



AGRADECIMENTOS

O meu maior agradecimento vai ao Grupo Editorial Coerência e a todos os envolvidos na produção de Tortura branca – se você for à página de créditos, vai ver o nome de todo mundo que me aturou e que fez adições incríveis a este livro. Mas eu não descanso enquanto não agradecer especialmente aos meus primeiros leitores — os que embarcaram nesta ideia quando ela ainda era um experimento da minha newsletter. Isso porque Tortura branca surgiu como folhetim digital, com um capítulo publicado por semana e enviado direto aos e-mails dos inscritos. Era o ápice da pandemia, e eu fora da minha terra natal; esse virou o objetivo que me fez seguir em frente. Foi um baita desafio ter um tempo tão curto para começar e terminar um livro — pouco mais de doze semanas para publicar os treze capítulos –, e isso só foi possível porque uma turma barulhenta, no melhor sentido, me encorajou a não parar no meio desses cem metros rasos. Agradeço a Mariana Janjacomo – de novo ela, claro –, porque foi esse ser que me incentivou a começar. Meu agradecimento também a Aline Camargo, a Michelle Ulisses e a todos do Clube de Leitura Avalon de Sumaré – do qual virei padrinho. Agradeço também a Rafael Candido, a Ju Oliveira e ao Clube dos Thrillers pelas conversas virtuais, e a todos os que leram e vieram falar comigo durante o processo. Foi muito especial. Recebi uma dezena de mensagens de gente que leu Tortura branca na cama do hospital enquanto esperava o tratamento contra a Covid-19 funcionar – como Marcelo Vieira –, ou que me disse que ler o livro ajudou a mitigar a dor de perder alguém para a doença. Foi chocante saber disso — ao mesmo tempo que me encheu de esperança.

E, claro, obrigado a você, amigo leitor!

VICTOR BONINI



1

ENCONTRO NO ZOOM

O estrondo vindo do escritório fez Guilherme fechar o Tinder depressa e meter o celular no bolso.

- Júlia?

Tinha sido alto o suficiente para se sobrepor aos latidos estridentes do cachorro.

— Cala a boca, Freddie — Guilherme mandou, sem se mexer no sofá da sala. E insistiu: — Jú, tudo bem?

No escritório, Júlia tinha fechado o notebook com toda a força do braço. Talvez tivesse liquidado de vez o Dell. Mas é difícil se importar com uma máquina quando você está se desmanchando em lágrimas e só consegue se concentrar em abafar os soluços.

Como ela tinha se afundado naquela fossa?

 – Jú? – Subiu o tom, lá da sala, temperando a voz com uma pitada de preocupação. – Foi daí que veio esse barulho?

De onde mais, gênio? Não ia responder. Folgado. Ele que fosse atrás dela e visse que...

Não, não, não.

Pensando bem, melhor não. Júlia previu tudo: Guilherme veria seus olhos vermelhos e, em vez de aninhá-la num abraço — que era do que ela precisava —, decidiria tirar satisfação com a chefe dela. Pediria o telefone. Júlia, óbvio, negaria. "Vou procurar na internet se você não vai dizer, então", ele retrucaria e veria que o computador não ligava mais por causa daquele instante de descontrole do qual ela já se arrependia. "O que deu em você?", ele mudaria de lado, agora atacando Júlia. "Sabe quanto custou?" Ela não fazia ideia — Guilherme tinha dado de presente.

Então, para fugir de mais uma briga, de mais uma chicotada naquele dia de leão de circo, Júlia teria que engolir o choro, pedir desculpas pelo computador e dizer que tudo ficaria bem. *Eu já queria sair mesmo*. Resposta apropriada.

Mesmo que fosse mentira. Uma mentira oportunista e que a incomodava, do tipo que chega na sua casa, senta-se no seu sofá e fica lá até você ter coragem de mandá-la buscar outro canto.

Júlia queria seu emprego. Queria o tempo dela, o espaço dela, a vida dela.

— Jú...

Ela o ouviu se levantando do sofá, com Freddie latindo atrás, então se apressou em dizer com a voz falsa:

- Oi, Gui. Tá tudo bem. Só bati o notebook aqui.

Ele quis saber do notebook.

Claro que ele quis saber do notebook.

Ela deu graças a Deus por existir uma porta que a separava dele, senão teria perdido o controle de novo. Imaginou o que seria capaz de fazer se...

Pensou em outra coisa. Focou em quanta gente estava vivendo em casas minúsculas com a família toda, sem portas ou divisões. Pensou nas estatísticas de violência doméstica durante aquela pandemia e nas mulheres presas em suas próprias casas.

Mais e mais latidos. Júlia ouviu uma unhada na porta. Abriu apenas uma fresta e deixou Freddie entrar, sozinho, o pelo branco e comprido parecendo uma peruca com pernas deslizando pelo piso. Pegou o cachorro no colo e enterrou o rosto no pelo dele. Freddie latiu.

- Não é só você que tá sem cortar o cabelo, cara.

Júlia e Guilherme voltaram a se falar antes do jantar, mas brigaram no minuto seguinte porque ele queria cozinhar macarrão pela segunda noite seguida. Motivo: era a opção mais rápida.

- E você tá com pressa pra quê, Guilherme?
- Tem Zoom com a galera hoje.
- Mas vai ser daqui a uma hora e meia.

A única psicóloga com quem Júlia tinha se consultado na vida dissera, certa vez, que o melhor a fazer nos momentos de raiva era contar até dez, em algarismos romanos e em inglês.

Folgado.

No dia em que o conhecera, em um evento cheio de comidinhas e bebidinhas da Secretaria Estadual de Esportes que Júlia tinha ajudado a organizar, Guilherme parecera a pessoa mais enérgica da sala. Desde então, tinha ganhado barriga e perdido a vontade de eliminá-la.

Júlia cozinhou arroz, assou abobrinhas no forno e fritou o bife acebolado de que Guilherme gostava. Ela era vegetariana.

No meio do jantar, Guilherme perguntou como tinha sido o dia dela, trancada no escritório. Talvez demonstrasse interesse só porque tinha percebido que Júlia estava emburrada, e ele não queria greve de sexo; não em plena pandemia. Ou só estava sendo legal, e era ela que via tudo distorcido pela lente da irritação.

Afinal, ele sempre tinha sido legal. Trabalhava muito — antes da pandemia, pelo menos — e, justamente por ter pouco tempo para o social, gostava de usar esse tempo para fazer os outros se sentirem bem. Guilherme era o cara que ficava no meio da roda nas festas, a fusão dos estereótipos de playboy bonito e marmanjo engraçado que fazia

os outros sorrirem e pensarem: Tá aí um sujeito que eu convidaria pra ser padrinho no meu casamento.

O folgado era uma ótima companhia, essa era a verdade, e ela disse a si mesma que tinha sorte por estarem passando a quarentena juntos.

- Fui demitida pelo Zoom hoje, Gui.

Guilherme deixou o garfo e a faca caírem, incrédulo. Júlia queria desabafar, falar sobre como se sentia com claustrofobia naquela casa fechada, mesmo que fosse *uma casa* — meu Deus, ela sabia que tinham sorte, claro que sabia; não queria ser a patricinha reclamando de barriga cheia quando outras pessoas estavam *morrendo* com o vírus, mas...

Mas o que esperava dele? Guilherme reagiu de acordo com o script: reclamou, um tom acima do necessário, que a idiota daquela chefe não podia fazer isso com sua namorada.

- Como alguém demite outra pessoa no meio de uma pandemia?
- Precisavam cortar uma vaga, Guilherme.
- No meio do apocalipse?
- Parece que até no apocalipse as pessoas se importam mais com o dinheiro. É das empresas. Tipo força maior.

Júlia se viu num papel ridículo: o de advogada da própria chefe que a demitira.

- Tá, mas por que cortar você?
- Não sei. Ela não deu justificativa. Ach...

Corte:

– Você precisa se valorizar, Jú. Porra, você era a que mais fazia entre todo mundo. Falou isso pra eles?

Ele queria dirigir os diálogos dela, como um diretor de cinema que sabe melhor como e quando a atriz deve abrir a boca.

- Guilherme, para de tentar entender. Você não sabe como estão as coisas lá.
- Jú, se tem alguém que pode entender sou eu, acima de qualquer um. Vi o quanto você ralou. Olha quantas horas ficou trancada nesse escritório esses dias todos. Faz quanto, dois meses que a gente tá

trancado aqui? Se pá eu te vi menos nesse período do que no restante do nosso namoro. — Freddie começou a latir. — Se você não ligar pra ela, eu ligo.

- Guilherme, só me deixa.
- Vai dar uma de derrotada?
- Cara, para. Olha a minha situ...

Novo corte:

— Conheço o chefe dela. Você lembra disso, não lembra? Uma ligação e pronto. — Digeriu suas próprias palavras. — Decidido. Sério. Isso não pode ficar assim. — Guilherme se levantou, pegou o celular na sala e começou a fuçar entre os contatos. Júlia pedia para que parasse, mas ele não olhava para mais nada além da tela. E o latido estridente de Freddie lá, constante, uma agulha beliscando o cérebro de Júlia. — Achei.

Engolindo o último pedaço de bife, Guilherme começou a digitar em disparada. Júlia entrou em desespero.

- Guilherme, caralho, solta esse celular.
- Você não merece esse tratam...
- Não mereço? Sabe o que não mereço? Um namorado que acha que é meu pai.
 E quando Guilherme levantou o olhar, ofendido,
 Júlia percebeu que não tinha mais volta.
 Solta isso. Você não me deixa respirar.
 - A culpa é minha?
- Mano, é claro que é sua. Sabe por que eu fico trancada nesse escritório? Não é porque trabalho muito. Por sinal, tenho trabalhado mal pra caralho, e eles têm toda razão em me demitir. O que mais fiz lá dentro foi me esconder de você, com o Freddie no colo, e sentir dó de mim mesma, porque, sério, não aguento mais ficar te ouvindo pedir favor e reclamar da vida como se eu fosse a sua mãe.
 - Olha o que você tá falando, Júlia.
- Digo de novo. Você acha que eu sou a coitada da minha sogra.
 Foda-se meu espaço. Freddie fazendo escândalo. Latindo, latindo, latindo. Tô sufocada, Guilherme.

— *Sufocada*? — Para o cachorro, Guilherme gritou: — Vai latir pra porta, Freddie! Caralho! — E de volta para ela: — Júlia, a gente sai toda semana. Mais que qualquer um.

Uma colega de trabalho tinha, inclusive, armado uma briga virtual porque Júlia e Guilherme estavam furando a quarentena. Júlia tinha se sentido mal, mas não se arrependia.

- Pra você ver que nem assim foi suficiente.
- Então, resumindo, eu sou o centro dos seus problemas?
- Óbvio.

Ele emudeceu, machucado.

Ficaram olhando para Freddie. O cachorro queria interferir de alguma forma. Ajudar.

Guilherme se levantou.

- Vou ficar sentadinho lá no computador esperando você se desculpar.



Júlia lavou a louça – sozinha – sem soltar um pio.

Na sala, Guilherme ficou um bom tempo com o olhar perdido na tela do notebook desligado, observando o próprio reflexo. Então, sem pensar no que fazia, pegou o celular e abriu o Tinder de novo.

Deslizou para a esquerda, deslizou para a esquerda...

Aquele tinha virado seu segredo da pandemia. Ele não tinha a menor intenção de trair a namorada nem de encontrar uma estranha na quarentena. Prova disso era que negava todas as mulheres que brotavam na sua tela, por mais atraentes que fossem. Como dizia para si mesmo, seu interesse não era alcançar o objetivo proposto pelo aplicativo de encontros — era a plataforma em si, uma vitrine de rostos bonitos e decotes generosos que, para ele, imitava em menor escala a sensação estimulante do vaivém das ruas, dos mercados, dos shoppings.

A voz em sua cabeça que gritaria o quanto aquilo era repugnante já tinha perdido a sanidade no início da pandemia. Guilherme sentia que deslizar o dedo para a esquerda — o movimento que fazia para negar as pretendentes fadadas à solidão — era a forma como conseguia subsistir naquele modelo de vida e fugir dos problemas. A *única* forma.

Deslizou para a esquerda, deslizou para a esquerda... E não pensou na psicologia por trás daquele movimento dos dedos. Não pensou na distância entre a sala e a cozinha.

A única coisa que Júlia e Guilherme compartilhavam naquele momento era uma crescente dor de cabeça com os latidos de Freddie.

Da cozinha, Júlia foi direto para o quarto.

- Tô com enxaqueca.
- Você não quer participar da chamada aqui? Já vai...
- Não.

Guilherme ficou dividido entre dizer que Júlia precisava se acalmar e assumir que ela tinha razão. Fechando o Tinder, decidiu pela segunda opção.

Jú, desculpa. Eu não queria...

Ela bateu a porta do quarto e se fingiu de morta lá dentro.

Dez minutos depois, ele deu duas batidas.

– Jú? Jú, sobrou filé?

Júlia não respondeu para não xingar.

IV

Júlia pensou em emendar o cochilo numa noite inteira de sono. Mas seus olhos se recusavam a fechar. Primeiro por causa das lágrimas, que vinham como chuva fraca: lentas, mas incessantes. Depois, começou a escutar as risadas de Guilherme na chamada de vídeo com os amigos. E o que ela faria? Mandaria o namorado ficar quieto? Expulsaria Guilherme de casa? A casa de campo que era da família *dele*? Era ela que se sentia como a intrusa.

O celular vibrou. Uma mensagem.

Pai

Oi, coelha! Como vamos de pandemia?

O amor pelo pai nunca fora maior do que naquele momento. Ela estava num poço escuro, e ele tinha aberto a tampa e metido a cabeça lá dentro, procurando por ela.

Júlia

Se o corona já veio, venci a briga! Acho.

Kkk 😑

Pai

Se cuida! Só checando como você está.

Precisa de alguma coisa?

Era seu jeito gentil de perguntar se ela queria dinheiro. Fazia essa pergunta de quinze em quinze dias. Por mais que Júlia fizesse questão de mostrar que era agradecida, não deixava de se sentir envergonhada — um peso para o pai. Ele com a família perfeita fazendo coisas incríveis, enquanto a filha indesejada ficava em clausura naquele poço fedido com pensamentos ruins.

Mas Júlia não deixou isso estragar a ocasião — sabia o quanto elas eram raras. Por isso, fez aquilo que fizera tanto nos últimos dias: mentiu para um homem.

Júlia

Tudo ótimo.

Trabalho tá legal.

Ah, te contei que fui promovida mês passado?

Sucesso kkk

Ela não entendia por que virava uma menininha estridente quando falava com ele. Dane-se. Enxugou as lágrimas e mandou mais:

Júlia

Ah, e tô pensando em fazer um mestrado. Podexá que procuro bolsa kkk

Pai

Maravilha! Você é ótima, coelha. Bom saber das novidades. Fique bem aí! Bjs pra vc e pro Gui. Ele tá cuidando de você?

Júlia Tá sim, fica tranquilo.

Pai

Qualquer coisa me avisa que vou aí dar um corretivo nele, hein? Combinado?

Ela pensou em fazer uma chamada de vídeo com ele — falando bem a verdade, naquele momento não havia nada que quisesse mais no mundo. Mas era uma péssima ideia. O pai não ia gostar de ver que ela tinha chorado, e não ajudava o fato de Guilherme ficar soltando aquelas gargalhadas escandalosas da sala.

Júlia pensou em como continuar o papo, falar da vida, desabafar, mas...

Júlia Combinado. Bj!

E fim.

Freddie latiu.

- Freddie, mano, você não cansa? brigou Guilherme, da sala.
 Júlia deu um tapa na testa.
- Caramba! O horário.

Levantou-se num salto. Tinha se esquecido de levar Freddie para o passeio da noite. O coitado devia estar explodindo de tanto xixi e cocô no corpo. A não ser, é claro, que Guilherme tivesse levado...

Claro que não.

De calça jeans, chinelo e camiseta preta desbotada da Janis Joplin, Júlia saiu para a sala. Freddie veio direto pular na perna dela. Na frente do computador, Guilherme ria, tomando goles da latinha de cerveja. Quando a viu, escondeu o sorriso e se engasgou.

Ela passou por ele, vislumbrando na tela três rostos na chamada do Zoom, e foi buscar a coleira do cachorro na lavanderia, ao lado da cozinha. Voltou com Freddie encoleirado e de rabo abanando.

Guilherme se virou para os dois.

- Nossa, valeu. Tinha esquecido do passeio do Freddie.
- Sério? Com o cachorro latindo que nem desesperado?
- Calma. Você tá que tá hoje, hein?!
- Agora eu feri seus sentimentos?
- Sei que faço merda, mas não precisa sair me atac...
- Vai se foder, Guilherme.

Júlia saiu pela porta da frente dando a última palavra. Parou ao ar livre e suspirou fundo, como quem conversa com o corpo, um pedido de calma, de que a pressão baixe, o coração desacelere. Era uma noite até que quente para o finzinho de maio. A rua de terra estava iluminada pelos espaçados postes de madeira com luzes amarelas. Houve um momento de confusão na cabeça de Júlia — entre angústias e desentendimentos, ela tinha perdido a noção de tempo. Imaginava encontrar o mundo lá fora com um céu de fim de tarde. Não: já eram 20h40, como viu na tela do celular.

Freddie correu para a rua, puxando a humana consigo. A distância, Júlia ouviu Guilherme voltar à ligação:

— Maus, galera. Pois é, de novo. Esse negócio de quarentena mexeu legal com ela. Tem dia que acho até que ela vai me matar.

V

No silêncio da rua, só se ouvia a voz de William Bonner vinda do celular na cabine de segurança.

Lá dentro, Aline Apoena contornava com lápis vermelho as asas da borboleta. Era caprichosa. Já fazia quatro anos que tinha aquele livro de colorir e desde então chegara apenas à metade. Ela encarava cada nova página como uma possível obra de arte — e também uma necessária sessão de terapia. Cada traço era digno da maior atenção.

O que não significava que era uma funcionária desatenta. Aline percebeu movimento no seu campo de visão e levantou o rosto para ver a moradora da casa 56 passar de novo com aquele cachorrinho pequeno e peludo que parecia um ursinho de pelúcia.

Olhou para o relógio no topo da cabine: 21h25. Bonner estava prestes a dar o seu boa-noite. A guarda franziu a testa. Tinha a impressão de já ter visto a moça voltando para casa antes. Não soube explicar por quê. E também não levou isso mais em conta. Ficou olhando para a mulher caso ela levantasse a mão em cumprimento.

O cumprimento não veio. Mas isso não incomodou Aline. O que a incomodou foi o fato de a moradora não estar usando máscara. Dificilmente haveria alguém na rua com quem ela cruzaria, mas não custava se precaver.

Aline voltou à borboleta na mesma hora em que Júlia fechou a porta de casa, selando de novo o silêncio cortado apenas pela Globo e pela canção da mata.

Mas a calma durou pouco. Dali a um minuto, a porta da casa 56 foi escancarada e dela veio o grito:

- Ajuda!

Aline pulou do banquinho e marchou antes mesmo de entender do que aquilo se tratava — quem gritava, por que, de onde. Puro instinto. O celular na mão estava pronto para discar o 190.

A moradora que gritava tinha pressa. A moça, namorada do seu Guilherme. Correu pelo gramado da casa com olhos do tamanho da lua.

 Você sabe estancar sangramento? Eu tô tentando, mas não devo tá fazendo a coisa certa. Eu... O maxilar tremia, como se no mundo dela a temperatura estivesse vinte graus abaixo do comum. E ela tinha sangue nos braços, como luvas — o último detalhe que Aline percebeu e o primeiro que a fez se dar conta da gravidade do episódio.

A guarda foi entrando pela porta da frente.

— Ele tá na sala. É só seguir. — A orientação de Júlia soou feito prece.

Passaram ao lado da cozinha, pelo corredor, e viraram à esquerda lá na frente. Aline viu primeiro a poça de sangue que se espalhava pelo carpete. A um metro da escrivaninha, seu Guilherme estava caído de barriga para baixo e com a camiseta branca manchada de vermelho. Só de bater o olho, Aline contou no mínimo seis rasgos. Não pensou duas vezes: jogou-se no chão e pressionou os machucados. No susto, o cachorro deles, que latia sem parar, mordeu a mão direita de Aline.

— Freddie!

Júlia empurrou o cachorro para longe, sujando seu pelo branco com o sangue de Guilherme. Freddie saiu latindo pela casa. Júlia copiou Aline e colocou as mãos sobre os cortes enquanto chamava o nome do namorado. Agoniava e pedia a ele alguma coisa impossível de discernir naquela voz úmida e fina. Naquele seu mundo frio, cenas reais e imaginadas se sobrepunham umas às outras. Ela via Guilherme sofrendo, via Guilherme brincando, via Guilherme se levantando do carpete ensanguentado e agradecendo à segurança pela ajuda, dizendo que a culpa não era de Jú e que bastava ir ao hospital para resolver tudo.

Mas Aline já estava diminuindo a pressão das mãos.

- Моçа...
- É só fechar o machucado Júlia implorou. Meu pai já me disse isso. Meu avô era médico.
 - Moça, o batimento.
 - É uma parada, vai reverter. A ambulância tá vindo. Eu já chamei.
 - Chamou quando?
- Ele vai ficar bem se você ajudar a fechar a porra do machucado!
 Ajuda, poxa. Ajuda.

Mas Aline já tinha se levantado. Ela chamou a polícia.